EMBAIXADORES DE CRISTO

COLEÇÃO — MEDITAÇÕES SOBRE O PENSAMENTO CATÓLICO

SUICÍDIO

A soberba, o desespero e o pecado contra o Espírito Santo

Uma reflexão católica sobre a dignidade da vida,
a rejeição da graça divina, o vazio existencial
e o dever cristão de conservar a esperança



Como resgatar a alegria da vida com Cristo:
servindo, agradecendo, vivendo os sacramentos e orando

Sumário

Apresentação 3
I. O vazio de uma sociedade abundante 4
II. A felicidade que precisa ser exibida 5
III. Amar e servir 6
IV. A soberba e o domínio sobre a vida 7
V. O desespero e a esperança 8
VI. Os pecados contra o Espírito Santo 9
VII. Judas e Pedro 10
VIII. Fulton Sheen e a restauração interior 11
IX. São Paulo: viver é cumprir a missão 12
X. Cristo no Getsêmani 13
XI. O quinto mandamento e a confissão 14
XII. Os relatos antigos de martírio 15
XIII. O pecado imperdoável 16
XIV. Educar para a caridade 17
XV. Servir: a alegria de oferecer 18
XVI. Agradecer: reconhecer os dons 19
XVII. Viver os sacramentos 20
XVIII. Orar: cultivar a amizade com Deus 21
Epílogo: enquanto Deus nos concede a vida 22
Oração pela esperança 23
Orientação pastoral 24
Referências 25

Apresentação

A vida é um dom confiado por Deus.

Nunca tivemos tanto e tantas pessoas experimentam uma profunda sensação de vazio. O conforto material, a comunicação e o conhecimento ampliaram nossas possibilidades. A pergunta fundamental permanece: para que viver?

A doutrina católica ensina que a vida é um dom de Deus, cuja administração nos foi confiada. O quinto mandamento protege também nossa própria existência. Este fascículo examina a soberba de quem reivindica autoridade absoluta sobre a própria vida e o desespero de quem voluntariamente abandona a confiança na misericórdia divina.

Essas disposições podem relacionar-se à rejeição da graça. A ideação suicida, entretanto, possui múltiplas causas; enfermidades psíquicas podem limitar profundamente a liberdade humana. A dignidade de quem sofre permanece inviolável.

A reflexão termina com quatro caminhos de formação espiritual: servir, agradecer, viver os sacramentos e orar. O cuidado profissional, quando necessário, integra a responsabilidade cristã pela vida.

I. O vazio de uma sociedade abundante

“Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma?” — Mc 8,36

Houve um tempo em que uma pequena vela iluminava a casa durante a noite. Sua luz permitia enxergar o rosto daqueles que nos desejavam boa-noite. Sem água encanada, aquecia-se a água do banho no fogão a lenha, duas vezes por semana no inverno; no verão, o banho era frio.

O mesmo fogão assava o pão, preparava os alimentos e fervia o leite para conservá-lo. Alguém precisava cortar e transportar a lenha. A vida era trabalhosa, as tarefas numerosas e o lazer escasso.

A sobrevivência familiar exigia cooperação. Filhos, pais, vizinhos e amigos serviam uns aos outros. Em muitas famílias, a oração e a Igreja ocupavam um lugar central. A dificuldade oferecia oportunidades para exercer a humildade, a gratidão, a fortaleza e a caridade.

O progresso trouxe benefícios reais e maior autonomia. Cabe à formação cristã preservar a solidariedade e as virtudes que o cotidiano de outrora ajudava a cultivar.

II. A felicidade que precisa ser exibida

“O homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração.” — 1Sm 16,7

A compra de um automóvel, uma viagem e uma reunião familiar tornaram-se oportunidades de exposição pública. As redes sociais apresentam fragmentos selecionados da existência humana. A comparação contínua pode produzir a impressão de que todos os demais são felizes e bem-sucedidos.

A aprovação externa passa a determinar a percepção do próprio valor. A autenticidade cede espaço à necessidade de demonstrar sucesso. A menor frustração pode adquirir uma importância desproporcional.

Santo Agostinho, nas Confissões (I,1), situa a inquietação do coração humano em sua vocação para Deus. Sua reflexão sobre a ordem dos amores recorda que bens materiais e prestígio possuem um lugar limitado na existência.

A gratidão ajuda a reconhecer o bem recebido; a caridade orienta nossos interesses para além da própria satisfação. O valor da pessoa perante Deus independe da popularidade, da riqueza e da imagem pública.

III. Amar e servir

“O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir.” — Mt 20,28

Amar significa desejar o bem do próximo e dispor-se a realizá-lo. Significa também acolher o amor recebido, reconhecer limitações e permitir que outros nos auxiliem.

O indivíduo que condiciona a felicidade àquilo que recebe torna-se excessivamente dependente das circunstâncias externas. A educação para a caridade ensina a perceber o valor daquilo que podemos oferecer: visitar um enfermo, ouvir um idoso, catequizar crianças e rezar pelos falecidos.

O ressentimento e a percepção persistente de injustiça merecem exame de consciência. O perdão, a humildade e a gratidão ajudam a enfrentar a disposição de alimentar ofensas. Injustiças reais exigem igualmente proteção, acolhimento e reparação.

A dificuldade de amar não constitui explicação geral para o suicídio. Pessoas dedicadas à família e à Igreja podem sofrer depressão grave. A missão da comunidade cristã é aproximar-se delas com solicitude.

IV. A soberba e o domínio sobre a vida

A vida humana está confiada à nossa responsabilidade.

A soberba manifesta-se na pretensão de colocar a vontade humana acima da ordem estabelecida por Deus. O homem possui liberdade e responsabilidade, dentro de sua condição de criatura.

O Catecismo (§2280) ensina: “Nós somos administradores e não proprietários da vida que Deus nos confiou”. Essa compreensão fundamenta o dever de preservar a existência, cuidar da saúde e procurar tratamento quando enfermo.

São Tomás de Aquino apresenta três fundamentos da condenação moral do suicídio: o amor ordenado de si, os vínculos e responsabilidades perante a comunidade e a autoridade divina sobre a vida (Suma Teológica, II-II, q.64, a.5).

A reivindicação deliberada de domínio absoluto sobre a própria existência pode expressar soberba espiritual. A humildade restitui ao homem a consciência de pertencer a Deus. Essa análise moral exige distinguir uma decisão plenamente livre de atos praticados sob sofrimento psíquico intenso.

V. O desespero e a esperança

“Deus é maior que o nosso coração.” — 1Jo 3,20

A esperança é uma virtude teologal, juntamente com a fé e a caridade. Por ela, confiamos na assistência divina, na misericórdia e na promessa da vida eterna.

O desespero teológico consiste em abandonar voluntariamente a esperança no auxílio de Deus ou no perdão dos pecados (Catecismo, §2091). Considerar as próprias faltas superiores à misericórdia divina significa desconhecer a amplitude da redenção.

Pedro, Paulo e Agostinho testemunham a possibilidade de uma existência transformada pela graça. O reconhecimento dos pecados deve conduzir à contrição, à reparação e à confiança.

A desesperança psíquica é uma experiência diferente: pode integrar uma enfermidade que compromete o discernimento, a energia e a capacidade de experimentar alegria. Sua presença não demonstra rejeição voluntária de Deus. O acompanhamento médico, psicológico e espiritual é parte do cuidado devido à pessoa.

VI. Os pecados contra o Espírito Santo

Cf. Mt 12,31-32; Suma Teológica, II-II, q.14, a.2.

A tradição tomista distingue seis modalidades de pecado contra o Espírito Santo:

1. Desespero da salvação: abandonar deliberadamente a confiança no perdão divino.

2. Presunção: esperar a salvação sem a disposição para a conversão.

3. Resistência à verdade conhecida: rejeitar conscientemente a verdade reconhecida.

4. Inveja do bem espiritual do próximo: entristecer-se diante da graça concedida a outra pessoa.

5. Obstinação: persistir voluntariamente no pecado.

6. Impenitência: recusar o arrependimento.

A encíclica Dominum et Vivificantem (§46) explica que a rejeição radical da remissão oferecida por Deus impede seu acolhimento. O Catecismo (§1864) ensina que a recusa deliberada da misericórdia pode levar à impenitência final.

A conversão permanece aberta ao pecador durante a vida. A soberba, a presunção e o desespero voluntário devem ser enfrentados pela humildade e pela confiança na graça.

VII. Judas e Pedro

“Pequei, entregando sangue inocente.” — Mt 27,4

Judas recebeu a dignidade do apostolado, conviveu com Jesus e reconheceu posteriormente a gravidade da traição. Sua trajetória terminou tragicamente.

Pedro também incorreu em grave infidelidade. Negou Jesus três vezes, chorou amargamente e reencontrou Cristo ressuscitado. Em João 21,15-17, o Senhor lhe pergunta três vezes se o ama e confia-lhe a missão de apascentar suas ovelhas.

Bento XVI, na audiência de 18 de outubro de 2006, interpreta a trajetória de Judas como advertência contra o desespero e recorda que o julgamento definitivo pertence a Deus.

As palavras de Jesus em Mt 26,24 e Jo 17,12 são severas. A Igreja não definiu dogmaticamente a condenação individual de Judas. Seu destino eterno permanece sob o juízo divino.

O episódio de Pedro ensina a procurar a reconciliação e a retomar a missão recebida, mesmo após uma queda grave.

VIII. Fulton Sheen e a restauração interior

A culpa deve encontrar um caminho de reconciliação.

As obras Peace of Soul, Life of Christ e Way to Happiness, de Fulton J. Sheen, oferecem elementos para refletir sobre culpa, felicidade e reconciliação com Deus.

À luz dessa espiritualidade, distinguimos o remorso concentrado na culpa e o arrependimento cristão orientado para a transformação da existência. Essa distinção é uma síntese temática, sem pretensão de reproduzir literalmente o autor.

O arrependimento envolve reconhecer a falta, procurar o perdão e reparar o mal praticado. A Confissão constitui um caminho sacramental de restauração da amizade com Deus.

Sentimentos de culpa também podem assumir proporções patológicas. A pessoa pode necessitar de assistência profissional para recuperar uma percepção adequada de suas responsabilidades.

A comunidade cristã deve ajudar cada pessoa a procurar a graça e os cuidados necessários, com respeito à sua dignidade.

IX. São Paulo: viver é cumprir a missão

“Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro.” — Fl 1,21

Na Carta aos Filipenses (1,21-26), São Paulo manifesta o desejo de estar com Cristo e reconhece que sua permanência na Terra é necessária para o bem dos fiéis. Sua vontade está subordinada à missão recebida.

A esperança na vida eterna não representa uma intenção de antecipar a morte. O apóstolo reconhece o dever de continuar vivendo, evangelizando e servindo enquanto Deus lhe concede a existência.

A consciência da missão confere sentido à vida cristã. Ela também se manifesta na oração, na aceitação da fragilidade e na humildade de receber cuidados.

Ao final de sua caminhada, Paulo declara ter combatido o bom combate, concluído a carreira e conservado a fé (2Tm 4,7).

Podemos perguntar diariamente: Senhor, que desejais de mim? A quem posso amar? De quem posso aceitar auxílio? Por quais almas posso rezar?

A dignidade humana independe da produtividade e da autonomia.

X. Cristo no Getsêmani

“Minha alma está triste até a morte.” — Mt 26,38

Jesus revela aos discípulos a intensidade de sua angústia e pede que permaneçam próximos, vigilantes e em oração. No Getsêmani, entrega sua vontade ao Pai (Lc 22,42).

A experiência do sofrimento pertence à condição humana assumida por Cristo. A tristeza profunda não demonstra ausência de fé.

Também Elias, profundamente abatido, expressou o desejo de morrer. O relato de 1Rs 19,4-8 apresenta o alimento, o descanso e o cuidado que precedem a retomada de sua caminhada.

A pessoa angustiada necessita de companhia, proteção, atenção à saúde e assistência adequada. Podemos acompanhá-la na oração, ajudá-la a procurar tratamento e permanecer presentes durante as crises.

Cristo ensina a caridade também pela atenção à fragilidade. A comunidade cristã tem a missão de oferecer um lugar de acolhimento a quem sofre.

XI. O quinto mandamento e a confissão

Catecismo da Igreja Católica, §§1452, 1857–1864 e 2280–2283.

O suicídio constitui matéria grave contra o quinto mandamento. Para configurar pecado mortal, são necessárias simultaneamente matéria grave, plena consciência e consentimento deliberado (§1857).

O Catecismo reconhece que perturbações psíquicas graves, angústia e temor intenso podem diminuir a responsabilidade de quem atenta contra a própria vida (§2282).

A contrição perfeita pode obter o perdão dos pecados mortais quando inclui o propósito de recorrer à confissão sacramental assim que possível (§1452).

No §2283, a Igreja conserva a esperança de salvação das pessoas falecidas por suicídio, reconhecendo que Deus pode conceder uma ocasião de arrependimento por caminhos conhecidos somente por Ele.

A Igreja reza por essas pessoas. A ausência de confissão sacramental antes da morte não permite declarar uma condenação individual. O juízo pertence a Deus, que conhece plenamente a consciência e a liberdade de cada pessoa.

XII. Os relatos antigos de martírio

Cf. Santo Agostinho, A Cidade de Deus, I, 17–27.

A tradição cristã conhece narrativas excepcionais de pessoas veneradas como santas que morreram em circunstâncias envolvendo perseguição, violência iminente e atos autoinfligidos.

Santa Pelágia de Antioquia figura entre os relatos discutidos pelos Padres da Igreja. As circunstâncias históricas precisas devem ser tratadas com cautela.

Santo Agostinho examina casos dessa natureza em A Cidade de Deus, I, capítulo 26, advertindo contra sua imitação. São Tomás de Aquino considera igualmente narrativas excepcionais em sua Suma Teológica, II-II, questão 64, artigo 5.

Esses relatos não constituem autorização geral para o suicídio. O martírio, enquanto testemunho de fidelidade diante da violência imposta por terceiros, possui natureza moral distinta.

O ensinamento ordinário da Igreja permanece fundamentado na preservação da vida.

XIII. O pecado imperdoável

Cf. Catecismo, §1864; Dominum et Vivificantem, §46.

O suicídio viola objetivamente o quinto mandamento. A pretensão deliberada de domínio absoluto sobre a vida pode manifestar soberba. O desespero voluntário da misericórdia divina constitui pecado contra a esperança e integra a classificação tomista dos pecados contra o Espírito Santo.

Essas afirmações não autorizam identificar todo suicídio com o pecado contra o Espírito Santo. A rejeição voluntária da graça e do arrependimento é uma disposição interior que não pode ser estabelecida pela mera ocorrência da morte.

O cristão deve confiar na misericórdia de Deus e procurar a conversão. A presunção de receber o perdão sem arrependimento também merece atenção espiritual.

A doutrina católica conserva a gravidade objetiva do ato, a possibilidade de responsabilidade diminuída e a esperança de salvação da pessoa falecida. A oração pelos mortos é uma expressão de caridade.

XIV. Educar para a caridade

“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.” — Jo 15,12

A família cristã possui responsabilidade fundamental na formação espiritual das novas gerações. Os filhos devem aprender a colaborar nas tarefas familiares, respeitar os idosos e reconhecer o esforço daqueles que os amam.

A educação para a fortaleza inclui aprender a lidar com frustrações, reconhecer erros, pedir perdão e aceitar auxílio. A existência compreende perdas, dificuldades e acontecimentos sobre os quais não temos domínio absoluto.

A oração familiar, a catequese, os sacramentos e as obras de misericórdia proporcionam oportunidades concretas de formação.

Diante de uma pessoa em sofrimento intenso, escutar sem julgamento e ajudá-la a procurar assistência são formas autênticas de caridade. A presença de familiares, amigos e comunidade paroquial pode integrar uma rede de apoio.

A educação cristã deve transmitir a dignidade de cada pessoa, inclusive quando ela se encontra enferma ou dependente.

XV. Servir: a alegria de oferecer

“Há mais felicidade em dar do que em receber.” — At 20,35

A alegria cristã nasce da comunhão com Deus e desenvolve-se no exercício da caridade. Servir educa nossos afetos, combate o egoísmo e amplia a percepção das necessidades humanas.

Visitar um enfermo, ouvir um idoso, catequizar uma criança, auxiliar uma família e rezar pela conversão de um pecador são maneiras concretas de participar da obra de Cristo.

O serviço silencioso, sem expectativa de reconhecimento, constitui um exercício de humildade. Podemos escolher diariamente um gesto gratuito de caridade, respeitando nossas forças e circunstâncias.

Quem perdeu a autonomia física continua possuindo valor pleno. Pode participar da caridade pela oração, pela escuta e pelo acolhimento do cuidado recebido.

A missão cristã inclui receber o amor de Deus e do próximo. A alegria pode amadurecer pouco a pouco, inclusive durante o tratamento de uma enfermidade.

XVI. Agradecer: reconhecer os dons

“Em todas as circunstâncias, dai graças.” — 1Ts 5,18

A gratidão constitui um exercício cotidiano de reconhecimento da bondade divina. A comparação contínua pode obscurecer a percepção dos benefícios recebidos.

Recordemos os dez leprosos curados por Jesus: apenas um retornou para agradecer (Lc 17,11-19). Quantas vezes esquecemos de reconhecer o bem recebido?

A amizade, a possibilidade de conhecer a Palavra de Deus, a oportunidade de reconciliar-se e a existência são motivos de gratidão. Mesmo nas dificuldades, pequenos gestos de cuidado podem ser reconhecidos.

Uma prática simples consiste em recordar, todas as noites, três motivos pelos quais podemos agradecer. Quando isso for difícil, basta começar por um pequeno bem ou pela presença de alguém.

A gratidão pode coexistir com a tristeza, a dor e o luto. Podemos apresentar ao Senhor nossas dificuldades com sinceridade, sem exigir de nós mesmos uma felicidade constante.

XVII. Viver os sacramentos

“Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele.” — Jo 6,56

A Igreja acompanha a existência humana por meio dos sacramentos, sinais eficazes da graça divina.

A Confissão oferece ao pecador contrito o perdão de Deus e a restauração da comunhão com Ele. Reconhecer as próprias faltas e procurar a conversão são expressões de humildade.

Na Eucaristia, recebemos verdadeiramente o Corpo e o Sangue de Cristo. Na Santa Missa, unimos nossos trabalhos, alegrias e dificuldades ao sacrifício redentor de Jesus. A comunhão, recebida nas devidas disposições, fortalece a caridade.

A Unção dos Enfermos destina-se especialmente aos que enfrentam enfermidade grave ou fragilidade da velhice. Oferece conforto espiritual e auxílio da graça.

A vida sacramental acompanha o cuidado da saúde. A assistência médica e psicológica, quando indicada, é compatível com a confiança em Deus.

XVIII. Orar: cultivar a amizade com Deus

“Vinde a mim, todos vós que estais cansados e oprimidos.” — Mt 11,28

Santa Teresa de Ávila compreende a oração como trato de amizade com Aquele que sabemos que nos ama (Livro da Vida, 8,5).

Podemos conversar com Deus sobre nossas dificuldades, fraquezas, alegrias e pecados. A fidelidade à oração conserva seu valor mesmo nos períodos sem consolação espiritual.

O Santo Rosário, a leitura meditada do Evangelho, a adoração ao Santíssimo Sacramento e a Liturgia das Horas oferecem caminhos para cultivar a intimidade com Cristo.

A oração de intercessão é uma forma de caridade: rezar pelos enfermos, pelos pecadores, pelos desafetos e pelas almas do purgatório.

Ao despertar, ofereçamos o dia a Deus. Durante o dia, procuremos um gesto de serviço. À noite, agradeçamos, examinemos a consciência e confiemos nossas necessidades ao Senhor.

A oração pode ser breve e sincera. Nos dias difíceis, pedir ajuda também é um gesto de confiança.

Epílogo: enquanto Deus nos concede a vida

“Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé.” — 2Tm 4,7

São Paulo desejava estar com Cristo e reconhecia a necessidade de permanecer para cumprir sua missão. Essa compreensão orienta nossa existência.

Todos os dias recebemos a oportunidade de crescer na santidade, reconciliar-nos, interceder por outras almas e aprofundar a amizade com Deus.

A alegria cristã pode subsistir durante as tribulações. Sua expressão emocional pode ficar comprometida pela depressão, pelo luto ou por outra enfermidade. Aceitar ajuda e permitir que os outros cuidem de nós são também exercícios de humildade.

Que possamos abandonar a necessidade permanente de aprovação humana e colocar nossa existência sob o olhar misericordioso de Cristo.

Que aprendamos a servir sem esperar recompensas, agradecer pelos dons recebidos, viver os sacramentos com devoção e orar com perseverança.

Servir por amor. Agradecer pela graça. Viver em Cristo. Perseverar na esperança. E confiar a Deus o momento de nossa partida.

Oração pela esperança

Espírito Santo, Consolador das almas, assisti-nos.

Senhor Jesus Cristo, ensinai-me a reconhecer a vida como um dom recebido de Vossas mãos.

Livrai-me da soberba que me faz acreditar senhor absoluto de minha existência, da presunção que me afasta do arrependimento e do desespero que obscurece a confiança em Vossa misericórdia.

Concedei-me humildade para reconhecer minhas limitações e coragem para procurar auxílio quando minhas forças forem insuficientes.

Dai-me um coração capaz de amar, servir, agradecer e receber o amor daqueles que colocastes em meu caminho.

Assisti aqueles que experimentam a solidão, a angústia e a desesperança. Acolhei em Vossa misericórdia os falecidos por suicídio e confortai suas famílias.

Ensinai-nos a permanecer fiéis à missão que nos confiastes. Que nossa vida seja entregue diariamente ao Vosso serviço.

Amém.

Orientação pastoral

A proteção da vida é uma obra de caridade.

Diante de pensamentos suicidas, procure uma pessoa de confiança e assistência profissional. Em situação de risco imediato, permaneça acompanhado e procure atendimento de emergência.

Familiares e amigos podem escutar sem julgamento, ajudar a pessoa a procurar atendimento e permanecer próximos durante a crise. O acompanhamento sacerdotal e a oração podem integrar essa rede de cuidados.

No Brasil, o CVV oferece apoio emocional pelo telefone 188. Para emergências, ligue para o SAMU, 192, ou procure um serviço de urgência.

A pessoa em sofrimento conserva sua dignidade e merece cuidado. A Igreja recomenda rezar pelos falecidos por suicídio e acolher suas famílias, sem presumir a culpabilidade ou o destino eterno de ninguém.

A esperança cristã convida-nos a cuidar da vida e a confiar na misericórdia de Deus.

Referências

Fontes doutrinárias e leituras complementares

Sagrada Escritura: Mt 12,31-32; 20,28; 26–27; Jo 6,56; 15,11-12; 21,15-17; Fl 1,21-26; 2Tm 4,7; 1Rs 19,4-8.

Catecismo da Igreja Católica: §§1452, 1857–1864, 2090–2092, 2280–2283.

Santo Agostinho: Confissões, I,1; A Cidade de Deus, I,17–27.

São Tomás de Aquino: Suma Teológica, II-II, questões 14 e 64.

São João Paulo II: Dominum et Vivificantem, §46 (18/05/1986).

Bento XVI: audiência geral sobre Judas Iscariotes e Matias (18/10/2006).

Santa Teresa de Ávila: Livro da Vida, 8,5. São Bento: Regra, IV,74.

Fulton J. Sheen: Peace of Soul; Life of Christ; Way to Happiness (leituras complementares; sem citação literal).

Catecismo — Vaticano
Dominum et Vivificantem — Vaticano
Bento XVI — audiência de 18/10/2006